Quando o turismo e consumo modificam o ambiente sonoro: Transformações na Rua Chile, Salvador.

Fiais, R.[1]; Simões, L.C.[2]; Musse, F.O.[3]

[1] Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, orobertfiais@gmail.com
[2] Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, lorenacedro.lcs@gmail.com
[3] Universidade Federal da Bahia, Bahia, Brasil, mussarq@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa as transformações na ambiência sonora da Rua Chile, em Salvador, reconhecida como a primeira rua do Brasil e fundamental para a identidade soteropolitana ao longo de quase cinco séculos. A via tem passado por sucessivos processos de "requalificação" urbana, que alteraram sua configuração física, modos de uso, permanência e escuta. A pesquisa investiga a paisagem sonora da rua e o impacto das intervenções recentes, combinando revisão de literatura, levantamento histórico, análise morfológica, *soundwalks* e medições acústicas. Os resultados mostram que a Rua Chile já mudou de som diversas vezes: dos pregões e sinos coloniais aos bondes e cafés do início do século XX, até a percussão e a vida noturna que ocuparam a rua no seu esvaziamento. Hoje predominam o tráfego e a música escolhida pelos hotéis e restaurantes, enquanto os encontros têm migrado para dentro dos edifícios. Os entrevistados sentem falta não de um som "original", mas do período recente de ocupação popular. A cada mudança de som, mudou quem podia ocupar a rua e se fazer ouvir nela. A relevância da pesquisa está em inserir a dimensão sonora no debate sobre requalificação de áreas históricas, frequentemente centrado em aspectos visuais, patrimoniais e econômicos.

Palavras-chave: paisagem sonora, percepção acústica, *soundwalk*, identidade acústica

When tourism and consumption modify the soundscape: Transformations on Rua Chile, Salvador.

Abstract

This article analyzes the transformations in the sonic ambiance of Rua Chile, in Salvador, recognized as the first street in Brazil and central to the city's identity for nearly five centuries. The street has undergone successive processes of urban "regeneration", which altered its physical configuration and its patterns of use, occupancy, and listening. The research investigates the street's soundscape and the impact of recent interventions, combining literature review, historical research, morphological analysis, soundwalks, and acoustic measurements. The results show that Rua Chile has changed its sound several times: from the street cries and church bells of the colonial period to the trams and cafés of the early twentieth century, and later to the percussion and nightlife that occupied the street during its decline. Today, traffic and the music selected by hotels and restaurants predominate, while social encounters have been moving indoors. Interviewees do not miss an "original" sound, but rather a recent period of popular occupation. With each change in sound, there was a change in who could occupy the street and make themselves heard. This research brings the sonic dimension into the debate on the regeneration of historic areas, often centered on visual, heritage, and economic aspects.

Keywords: *soundscape, scoustic perception, soundwalk, acoustic identity*

1. Introdução

O que significa ouvir uma cidade? Escutá-la, no sentido mais literal do termo? Toda transformação urbana também é, em algum grau, uma transformação sonora. Isso ocorre quando um uso comercial muda, quando uma fachada é restaurada, quando o fluxo de pedestres cede lugar ao fluxo de carros, o ar da rua passa a vibrar de um jeito diferente. Schafer chamava isso de paisagem sonora (*soundscape*), um conceito que, desde seu surgimento, no fim da década de 1960, insiste em um ponto incômodo: o ambiente acústico não é um dado neutro da física, é algo socialmente produzido [1]. E, no entanto, quando se discute a requalificação de um centro histórico, é raro que alguém pergunte como ele vai soar depois. Discute-se fachada, discute-se tombamento, discute-se retorno sobre investimento. O som fica de fora, como se fosse apenas um efeito colateral, não uma dimensão do problema em si.

A Rua Chile, no Centro Histórico de Salvador, é um bom lugar para situar esse questionamento (Figura 1). É, afinal, a primeira rua fundada no Brasil, traçada por Tomé de Sousa junto com a cidade em 1549 e concentrou, por quase cinco séculos, o principal palco de sociabilidade e consumo da capital baiana [2]. Mas o que interessa aqui não é apenas o peso histórico da via; é o fato de que ela está, neste exato momento, sendo refeita. Nos últimos vinte anos, um ciclo de investimento público e privado tomou conta da rua e percebem-se alterações na morfologia ao longo dos anos. Um cinema reconstruído, dois hotéis de luxo, um condomínio de alto padrão e um centro gastronômico ocuparam, desde 2008, um trecho que, não faz tanto tempo, era território de percussão e sociabilidade popular, a partir das vivências populares. Soma-se a isso a obra, já em andamento, para transformar o Palácio Rio Branco em hotel de luxo. Não é um processo concluído, é um processo em curso, o que, para quem quer pesquisar som, é quase um privilégio: dá para ouvir a transformação acontecendo.



Figura 1: Mapa do centro histórico de Salvador e extensão da Rua Chile
Fonte: elaborada pelos autores sobre imagem do Google Maps (2026).

2. Referencial Teórico

A tipologia de Schafer [1], que distingue sons-chave (*keynote sounds*), sinais sonoros (*sound signals*) e marcos sonoros (*soundmarks*), permite perguntar se os sons característicos de cada período permanecem ou são substituídos por outro repertório. A norma ISO 12913-1:2014 formaliza a definição de paisagem

sonora como o ambiente acústico tal como percebido, vivenciado e/ou compreendido por uma pessoa ou grupo, em determinado contexto [3]. Assim, desloca o foco da mensuração física do ruído para sua dimensão perceptiva, sem excluir a medição acústica, tratada pela norma como componente complementar da análise perceptiva. Esse duplo eixo, objetivo e perceptivo, estrutura a abordagem metodológica adotada neste artigo.

Já o conceito de Ambiência Sonora, tal como desenvolvido por Thibaud [4], distingue-se da Paisagem Sonora por enfatizar a dimensão corpórea da experiência. Enquanto a Paisagem descreve um repertório de sons, a Ambiência refere-se à qualidade sensível resultante do encontro entre a materialidade do espaço (largura da rua, altura das edificações, tipo de revestimento) e as práticas sociais nele desenvolvidas. Trata-se não apenas de quais sons existem, mas de como esses sons são vividos por quem ocupa o espaço. Essa distinção é relevante porque um espaço objetivamente pouco ruidoso pode ainda assim ser percebido como hostil ou inseguro. O silêncio não é garantia de conforto: pode indicar, ao contrário, a exclusão de determinados usos e usuários do espaço público, com as atividades sonoras concentradas no interior de edificações. A Ambiência, portanto, permite analisar esse desconforto para além da medição de níveis de pressão sonora, ao considerar os efeitos de um dado arranjo sonoro-espacial sobre quem transita por ele.

Este artigo parte da hipótese de que processos de transformação urbana como *retrofits*, mudanças de uso do solo e intensificação de fluxos não alteram apenas a intensidade sonora de um espaço, mas também sua composição social: quem tem condições de ocupar sonoramente o espaço público e quais grupos deixam de fazê-lo.

3. Caracterização da Área de Estudo

A paisagem sonora de um espaço urbano resulta não apenas das fontes presentes, mas das formas de ocupação, circulação e apropriação que marcam sua trajetória. Como não há registros sonoros de épocas passadas, a reconstrução histórica permite inferir as condições de produção dessas ambiências, organizadas aqui em quatro períodos: (i) fundação da rua e cidade colonial; (ii) transformações do século XX; (iii) expansão da cidade e decadência da rua; e (iv) processos contemporâneos de retomada.

3.1 Fundação da Rua Chile e a cidade colonial

Traçada em 1549, juntamente com a fundação de Salvador, a atual Rua Chile constituiu um dos principais eixos estruturadores da Cidade Alta, estabelecendo a ligação entre a Praça Municipal e as principais vias de acesso à Cidade Baixa [2]. Sua proximidade física com o porto conferiu-lhe funções administrativas, comerciais e de abastecimento que permaneceram praticamente inalteradas durante mais de três séculos. Nesse contexto, sua ambiência sonora era fortemente condicionada pela circulação cotidiana de pessoas, animais e mercadorias, compondo um ambiente acústico marcado pelos pregões, pelas conversas, pelo deslocamento de carroças, pelo trânsito de escravizados e pelos sinos das igrejas que ritmavam a vida urbana. Eventualmente, acontecimentos extraordinários alteravam essa rotina, como retratado por Ana Maria Gonçalves no romance Um defeito de cor [5]. Ao narrar a Revolta dos Malês, a autora descreve uma praça tomada pelo “estrondo de tentativas de arrombar pesadas portas de madeira e o barulho dos tiros disparados pelos guardas” [5, p. 365]. No mesmo livro, ao narrar a Revolta da Cemiterada, nos é contado que “o local ficou completamente lotado por milhares de pessoas” e “o som era ensurdecedor e caótico”, iniciado pelo repicar simultâneo dos sinos das igrejas e seguido pelos gritos da multidão [5, p. 389]. Ainda que episódicos, esses registros evidenciam como diferentes práticas sociais e políticas também produziam transformações temporárias na paisagem sonora da cidade.

3.2 Transformações do Século XX

Esse cenário modifica-se profundamente nas primeiras décadas do século XX, quando Salvador passou por um amplo processo de modernização urbana. As reformas conduzidas durante o governo de J. J. Seabra buscaram adequar a capital baiana aos ideais de circulação, higiene e monumentalidade difundidos pelas grandes reformas urbanas europeias. Na Rua Chile, essas intervenções resultaram no alargamento da via, na desapropriação de imóveis, na implantação da iluminação elétrica, na renovação do calçamento e na instalação dos trilhos de bondes [2]. Tratava-se de transformar a rua em um "lugar-exposição", onde a modernidade pudesse ser experimentada tanto na forma urbana quanto nos novos hábitos de consumo e sociabilidade. A Rua Chile se tornou "um misto de elegância desejada", materializada nas vitrines, nos consultórios, nas casas de chá e nos novos edifícios que passaram a compor sua paisagem.

Paralelamente às transformações físicas, consolidou-se uma nova centralidade comercial e social. A Rua Chile tornou-se endereço das principais lojas, hotéis, cafés, bancos e escritórios da cidade, concentrando um intenso fluxo de trabalhadores, comerciantes, profissionais liberais e consumidores. Segundo Oliveira [2], consumir não era a única razão para frequentá-la: olhar vitrines, encontrar conhecidos, flertar e "estar à vista dos outros" faziam parte das práticas cotidianas que transformavam a rua em palco privilegiado da sociabilidade soteropolitana. Jorge Amado [6], em Bahia de Todos os Santos, descreve esse ambiente ao afirmar que, por volta das cinco horas da tarde, "a rua está repleta" [6, p. 42], reunindo comerciantes, advogados, médicos, políticos e funcionários que permaneciam em grupos ruidosos comentando novidades e acontecimentos da cidade. O autor acrescenta que a Rua Chile constituía um espaço onde "a vida alheia era passada em revista", revelando uma sociabilidade marcada pela convivência prolongada no espaço público.

Essa intensa apropriação cotidiana repercutia diretamente na paisagem sonora, que passava a incorporar o ruído dos bondes, das buzinas dos primeiros automóveis, das operações de carga e descarga, do comércio, das conversas, das casas de chá e do tradicional footing. Compunha uma ambiência significativamente mais dinâmica e mecanizada que aquela observada durante o período colonial. Oliveira [2] identifica três ritmos sonoros distintos ao longo do dia: pela manhã predominavam as atividades comerciais e administrativas; à tarde intensificavam-se os encontros sociais e o movimento das vitrines; durante a noite, bares, cassinos, orquestras e estabelecimentos de entretenimento produziam outra configuração acústica, marcada pela vida boêmia da cidade.

A vitalidade cultural da Rua Chile estendeu-se para além das atividades comerciais. Na década de 1950, a antiga Livraria Civilização Brasileira tornou-se espaço de encontros intelectuais e debates que contribuíram para a efervescência cultural de Salvador. Poucos anos depois, foi na própria Rua Chile que Gilberto Gil e Caetano Veloso se encontraram pela primeira vez, episódio rememorado em Verdade Tropical [7]. Em 1973, Caetano transformaria a rua em referência simbólica ao compor o verso "A Rua Chile sempre chega pra quem quer" [8], posteriormente censurado pelo regime militar por seu suposto conteúdo insurrecional. Já nos anos 1980, a loja de discos *Not Dead* tornou-se ponto de encontro da cena *punk* soteropolitana, introduzindo novas sonoridades ao espaço urbano em contraste com a consolidação do axé music, trajetória recentemente recuperada pelo documentário *Not Dead* (2024) [9]. Esses episódios revelam que a identidade sonora da Rua Chile não era produzida apenas pelo funcionamento cotidiano da cidade, mas também pela sucessão de manifestações culturais que, em diferentes momentos, encontraram naquele espaço um importante palco de expressão.

3.3 Expansão da cidade e decadência da Rua Chile

Entretanto, a partir da década de 1970 [10], profundas alterações na estrutura urbana de Salvador provocaram o deslocamento progressivo dessa centralidade. A implantação da Avenida Paralela, a construção do Centro Administrativo da Bahia (CAB), a inauguração da Rodoviária e do Shopping

Iguatemi, seguida pela consolidação da Avenida Tancredo Neves como novo centro financeiro e comercial da cidade, transferiram grande parte das atividades administrativas, comerciais e de serviços para novas áreas de expansão urbana. Como consequência, a Rua Chile passou a experimentar um processo gradual de esvaziamento econômico e funcional, caracterizado pelo fechamento de estabelecimentos tradicionais, aumento da vacância imobiliária e redução da permanência cotidiana de pessoas. A perda da centralidade comercial repercutiu diretamente na paisagem sonora, tornando-a menos diversificada e mais descontínua. O burburinho permanente das vitrines, dos cafés e dos encontros cotidianos foi gradualmente substituído por um ambiente marcado pelo predomínio do tráfego de veículos, do transporte coletivo e por longos períodos de relativa quietude decorrentes da redução das atividades urbanas e da diminuição da diversidade de usos cotidianos.

3.4 Processos contemporâneos de “revitalização”

Nas últimas duas décadas, a Rua Chile e seu entorno imediato passaram por um ciclo de investimento público e privado voltado à recuperação do patrimônio edificado e à inserção da região no circuito turístico e hoteleiro de alto padrão. Um marco inicial para esse ciclo foi a reconstrução do Cine Glauber Rocha, na Praça Castro Alves, no início da Rua Chile. Inaugurado em dezembro de 2008, no local onde funcionou, entre 1919 e o fim do século XX, o Cine Guarany, principal sala de exibição de Salvador [11]. A reconstrução do cinema dialoga com a recuperação do Centro Histórico realizada na década de 1990 e antecipou a reocupação econômica que se consolidaria na década seguinte, por meio de empreendimentos voltados ao turismo, à hotelaria e à gastronomia. Nesse contexto, outro marco importante foi a reabertura do Fera Palace Hotel, *retrofit* do antigo Hotel Palace (1934), assumido pela Fera Investimentos e reaberto ao público em fevereiro de 2017 [12]. Um ano e meio depois, em dezembro de 2018, inaugurou-se o Hotel Fasano Salvador, em edifício vizinho que abrigou por 45 anos a sede do jornal A Tarde [13], consolidando um movimento que o Fera já havia posto em marcha.

O Gorges Residence, localizado entre esses dois hotéis, ocupa um edifício modernista de 1956. Tornou-se, em novembro de 2025, o primeiro empreendimento residencial de alto padrão da via, com apenas doze unidades, entre 100 e 148 m², vendidas a partir de R$ 2,8 milhões (podendo chegar a R$ 5,5 milhões), e serviços de hotelaria incorporados [14]. Para além dele, o Palacete Tira-Chapéu, marco da arquitetura eclética baiana erguido no início do século XX, teve sua reabertura em 2024, como sede da Mostra Casas Conceito 2024, evento que recebeu mais de 25 mil visitantes em dois meses [15]. Diferentemente do Gorges e do Fera/Fasano, o modelo ali não é hoteleiro, mas voltado à gastronomia e a eventos.

Com a história ainda em andamento, o Palácio Rio Branco, na Praça Municipal, cuja origem remonta a 1549, com a própria fundação de Salvador, está fechado ao público desde 2021. Depois de um processo de concessão pública iniciado em 2022, a obra de restauração e conversão em hotel de luxo teve ordem de serviço assinada em 1º de junho de 2026 [16]. O projeto, batizado Hotel Allard, prevê investimento de R$ 250 milhões, 90 suítes (27 no edifício histórico, o restante em anexo), piscina com vista para a Baía de Todos-os-Santos, *spa* e três restaurantes. Entretanto, diferentemente da centralidade comercial consolidada ao longo do século XX, essa nova etapa organiza-se prioritariamente em torno do turismo, da hotelaria e do consumo de experiências patrimoniais. A maioria dessas atividades ocorre em ambientes internos, climatizados e voltados ao público visitante. Isso reduz a permanência espontânea no espaço público e intensifica deslocamentos realizados por veículos particulares, táxis e ônibus de turismo.

4. Metodologia

A pesquisa adota abordagem metodológica mista, combinando levantamento documental, análise morfológica e abordagem qualitativa baseada em caminhadas sonoras (*soundwalks*), complementada por medições acústicas objetivas e entrevistas com usuários. A leitura morfológica caracteriza o entorno

construído dos quatro pontos de observação descritos a seguir, por meio de levantamento fotográfico e observação *in loco*, considerando: gabarito das edificações, permeabilidade térrea (proporção de fachada aberta versus fechada), arborização e fluxo predominante observado (veicular, pedestre ou misto), como já mostrado na figura 2.



Figura 2: Mapa de uso do solo da Rua Chile
Fonte: elaborada pelos autores sobre base Google Maps e Aino World (2026).

Dado o comprimento relativamente reduzido da Rua Chile, os pontos de observação foram definidos por amostragem intencional, priorizando trechos de maior convergência de usos e fluxos, e não por distribuição espacial equidistante. Foram selecionados quatro pontos: (A) Praça Castro Alves, entrada da rua e confluência de três vias de grande fluxo; (B) proximidades do Fera Palace Hotel, trecho de maior concentração hoteleira de alto padrão da via; (C) terminal de ônibus da Sé, ponto de maior movimentação de pessoas da amostra; e (D) Praça Municipal, extremo oposto da rua (Figura 3).

Foram realizadas caminhadas sonoras (*soundwalks*) nos quatro pontos de observação, em dois dias distintos (sábado e segunda-feira) e dois horários (manhã 9h e noite 19h), totalizando quatro caminhadas (feitas simultaneamente por duas pessoas). Durante cada caminhada, de aproximadamente 30 min a 1 h cada, foram registradas as fontes sonoras percebidas, por meio de ficha de observação estruturada (Apêndice A), permitindo caracterizar qualitativamente a paisagem sonora de cada ponto em diferentes momentos da semana e do dia. Em cada ponto, foram realizadas medições de nível de pressão sonora equivalente (L_{Aeq}) com duração de 3 minutos (180 amostras, intervalo de 1 s), utilizando medidor digital AKROM KR853, classe 2, conforme a IEC 61672-1 [17] e Tipo 2, conforme a ANSI S1.4 [18]. O microfone foi posicionado a 1,50 m do solo e a pelo menos 2 m de superfícies refletoras, conforme a ABNT NBR 10151:2019 [19], com certificado de calibração rastreável vigente

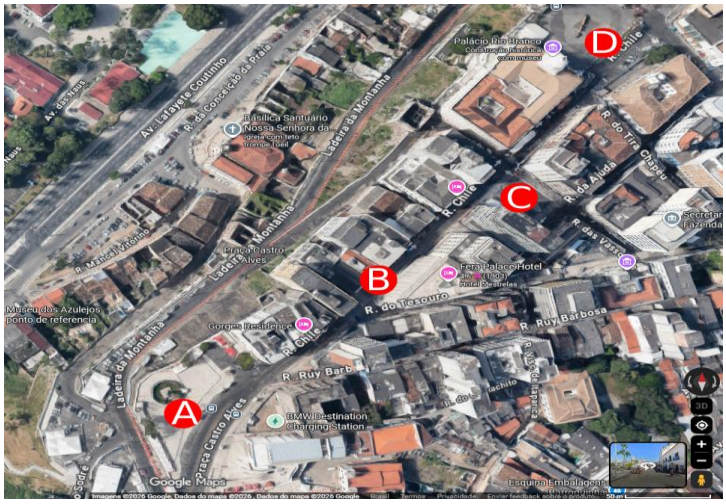


Figura 3: Rua Chile e pontos de medição
Fonte: elaborada pelos autores sobre base Google Maps (2026).

Foram realizadas também sete entrevistas semiestruturadas com pessoas que trabalham na Rua Chile, utilizando o roteiro apresentado no Apêndice B, com o objetivo de captar percepções subjetivas sobre a paisagem sonora local e suas transformações ao longo do tempo. Os entrevistados foram selecionados por amostragem intencional, buscando contemplar trabalhadores com vivência cotidiana de longa data na área, dos setores de comércio informal, serviços e transporte, com diferentes tempos de permanência na via. Os participantes foram informados sobre os objetivos da pesquisa e consentiram verbalmente com a entrevista e com o uso anônimo de seus relatos. Os dados foram analisados por meio de Análise Temática, conforme proposta por Braun e Clarke [20], adotando agrupamento em temas interpretativos. A interpretação dos resultados foi posteriormente triangulada com as medições acústicas, os *soundwalks*, os registros audiovisuais e as fichas de observação, buscando integrar evidências objetivas e subjetivas da paisagem sonora.

5. Resultados

A partir das caminhadas sonoras realizadas nos quatro pontos de observação, foi possível identificar um padrão de fontes sonoras predominantes e de características das fontes distintas ao longo do percurso, sintetizado na Tabela 1.

Tabela 1: Fontes sonoras predominantes e características das fontes por ponto de observação

Ponto	Fontes Predominantes	Características das fontes
A: Praça Castro Alves	Veículos e Conversas	Circulação/Tráfego
B: Fera Palace Hotel	Veículos	Mecanizada
C: Terminal da Sé	Veículos e Conversas	Mista de Circulação/Tráfego
D- Praça Municipal	Ambulantes e Conversas	Sociabilidade de rua

Fonte: elaborada pelos autores (2026).

Observa-se que os pontos A, B e C apresentam predominância de fontes associadas à circulação veicular, ao passo que o Ponto D, localizado no extremo oposto da via, mantém maior presença de sociabilidade humana direta. Esse padrão preliminar é analisado a partir dos resultados das medições de L_{Aeq} apresentados na Figura 4.

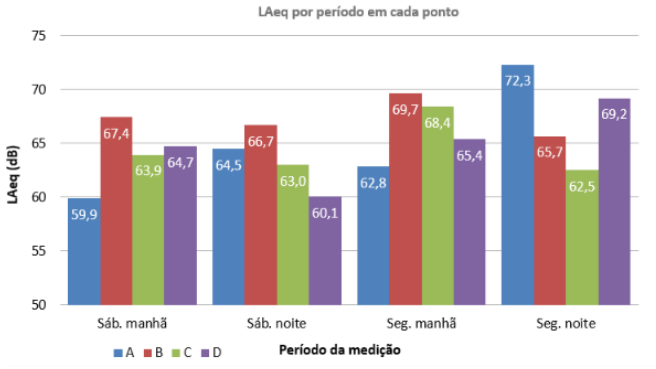


Figura 4: Resultados das medições acústicas: L_{Aeq} por ponto e campanha de medição
Fonte: elaborada pelos autores (2026).

Em cada ponto de observação, foram coletadas 180 amostras válidas (3 minutos), ao longo de quatro campanhas: sábado e segunda-feira, em turnos de manhã (entre 9h e 10h) e noite (entre 19h e 20h). A Figura 4 apresenta os valores de L_{Aeq} por ponto e campanha. Os valores registrados variam entre 59,9 dB e 72,3 dB, uma amplitude de 12,4 dB entre a medição de menor intensidade sonora (Ponto A, sábado de manhã) e a mais alta (Ponto A, segunda à noite). Essa amplitude, por si, indica que a Rua Chile não possui uma paisagem sonora homogênea nem estável ao longo da semana, já que cada ponto responde de forma distinta às variações de dia e horário.

Comparando os pontos, o B apresenta o comportamento mais estável da série (65,7 a 69,7 dB). Essa estabilidade é coerente com sua localização em cruzamento sinalizado por semáforo: o fluxo veicular constante funciona como fonte sonora contínua, pouco sensível a variações de dia da semana ou horário. Ademais, sustenta as maiores intensidades absolutas do gráfico nos dois turnos diurnos (67,4 dB no sábado; 69,7 dB na segunda-feira). Os Pontos A e D, em contraste, apresentam a maior instabilidade, sugerindo que ambos os pontos são mais sensíveis a eventos e fluxos pontuais de pessoas, veículos ou atividades específicas, visto que são áreas públicas (praças).

Dentro das limitações amostrais, a ausência de um padrão único e replicável entre os dois dias é, em si, um resultado relevante: não é possível afirmar, a partir destes dados, que a Rua Chile “silencia” uniformemente à noite, já que o comportamento noturno é específico de cada ponto e parece depender mais da atividade concentrada naquele trecho do que de um ritmo geral da via. Nos dias da semana, nos períodos da manhã, três dos quatro pontos (B, C e D) registram L_{Aeq} mais intensos na segunda-feira do que no sábado, compatível com a hipótese de que o fluxo de dia útil (trabalho, logística, transporte) supera o fluxo de fim de semana nesse horário. Já nos períodos noturnos, não há um padrão consistente entre os pontos: dois se elevam de sábado para segunda (A e D) e dois decaem (B e C), reforçando que a variável dia da semana, isoladamente, não explica a variação sonora da via com a mesma força que a localização específica do ponto.

Em relação ao gabarito, a Rua Chile está inteiramente dentro do perímetro tombado pelo IPHAN; por isso, não se aplica o gabarito determinado na Lei municipal de Ordenamento do Uso e Ocupação do Solo (LOUOS) [21]. Segundo seu artigo 39, num raio de 200 metros de bens tombados, o órgão de preservação (IPHAN) define o gabarito, avaliando caso a caso. O Fera Palace tem oito pavimentos mais *rooftop*; o Fasano, na mesma rua, tem 11, três pavimentos a mais, aprovado sob o mesmo regime de tombamento. Com fachadas altas e contínuas e largura de via reduzida, a Rua Chile configura, em parte de seu percurso, um cânion urbano. Nessa configuração, o som de fontes ao nível do solo, sobretudo o tráfego, sofre reflexões sucessivas entre as fachadas em vez de se dissipar livremente, o que prolonga a reverberação e, para uma mesma fonte, eleva o nível sonoro percebido na calçada em relação a um

espaço aberto [22]. Nessa lógica, o próprio traçado urbano atua como amplificador passivo, e a variação de gabarito não muda só a paisagem visual da rua, mas também a geometria acústica de cada trecho.

Em relação à arborização, o levantamento não identificou presença vegetal significativa ao longo do percurso, com exceção de um único exemplar arbóreo na Praça Castro Alves; o restante dos elementos verdes observados corresponde a jardinagem ornamental e decoração pontual de fachadas comerciais.

A Análise Temática das sete entrevistas identificou como temas mais recorrentes *Memória e identidade afro-baiana* e *Empreendimentos*, seguidos por *Turismo e fluxos*, *Permanência e experiência urbana* e *Perdas e substituições sonoras*. Os dois primeiros temas para o mesmo repertório: ensaios do Olodum, Filhos de Gandhy e vida noturna intensa, hoje relatados como reduzidos ou desaparecidos, revelam uma defasagem entre a identidade sonora percebida, ancorada na memória, e a paisagem sonora efetivamente vivida, já modificada para outro repertório. Dois entrevistados resumem essa percepção ao afirmar que "tinha mais música baiana antes". Hoje predominam os sons de tráfego, conversas, obras, carro de som e equipamentos mecânicos. Um dos entrevistados relata desconforto com a música internacional dos novos estabelecimentos ("Tem muitas músicas aí que não é adequado. Eu não gosto."); outro, que trabalha em um desses estabelecimentos, descreve uma curadoria deliberada, com repertório internacional, MPB e jazz durante a semana e música regional restrita ao sábado ("Não costuma tocar pagode ou músicas locais."). Esses relatos evidenciam tanto a prática de curadoria sonora "estrangeira" quanto o desconforto que ela provoca em quem historicamente ocupava a rua.

Esse deslocamento é parte de um fenômeno maior de internalização: eventos que antes ocorriam no espaço público hoje se concentram no interior das edificações, com pouco transbordamento sonoro ("Espaço fechado é pra quem tá no hotel mesmo"). Como consequência, há convergência sobre a manhã como período mais agradável e a tarde/noite como período de esvaziamento, com a rua descrita como espaço de passagem e a permanência concentrada nas praças ou no interior dos estabelecimentos. Essa leitura, porém, não é unânime nem só negativa. Um entrevistado com mais de cinco décadas de vínculo com a rua associa os empreendimentos à redução da violência. Outro relata maior segurança e benefício econômico ligado ao turismo, introduzindo a categoria de "sons de vida" (presença humana, transporte, fauna urbana) como indicador positivo de ocupação.

Através da identificação de usos *in loco* e do consequente mapa de uso do solo (Figura 2), é possível identificar a predominância de fachadas inativas. Dos atuais 26 lotes, cinco são hotéis, oito lojas, cinco institucionais e oito estão sem uso. Assim como as edificações institucionais, todos os novos empreendimentos apresentam fachada privativa: sem acesso público ou livre. No que tange à circulação pública, identificam-se apenas três pontos: o Cinema Glauber Rocha, o Terminal de Ônibus e a Praça Municipal. Dentre os espaços de acesso público, é importante sinalizar que apenas o Cinema permanece aberto à noite.

6. Discussão e Considerações Finais

Lidos em conjunto, os dados apontam para uma mesma direção: o que define o som da Rua Chile hoje é menos o dia ou o horário e mais o que ocupa cada trecho. Onde há hotel e semáforo, predomina um ruído veicular constante; onde há praça, há gente e, com ela, variação. A morfologia da via reforça esse contraste, porque as fachadas fechadas, a ausência de árvores e o efeito de cânion amplificam o tráfego e desestimulam a permanência. As entrevistas completam o quadro ao mostrar que a sociabilidade e a música que davam identidade à rua passaram, em boa parte, para dentro dos edifícios.

Esse quadro ganha outro sentido quando lido à luz da trajetória histórica. Antes do ciclo de mudanças atual, a via já havia atravessado, no mínimo, duas reformulações sonoras completas: a passagem da ambiência colonial, de pregões, sinos e carroças, para a ambiência mecanizada e boêmia da consolidação comercial do século XX, e, décadas depois, o esvaziamento associado à perda de

centralidade a partir de 1970. Cada uma dessas transições substituiu quase por completo o repertório sonoro predominante da via. Se não há um estado sonoro original ao qual a rua possa retornar, que sentido faz ainda perguntar se este ciclo de requalificação é uma volta às origens? E, se não, por que tantos relatos de campo insistem em descrevê-lo assim?

Quando dois dos entrevistados relatam que "tinha mais música baiana antes", referindo-se aos ensaios do Olodum, ao bloco Filhos de Gandhy e à intensa vida noturna do entorno, esse "antes" não remonta à colônia nem ao auge comercial do início do século XX. Corresponde, na periodização reconstituída neste artigo, à própria fase de esvaziamento da via, quando o comércio de elite já havia se retirado e a apropriação popular, negra e afro-baiana ocupou o vazio deixado. O que os trabalhadores lamentam perder não é a sonoridade "de sempre" da Rua Chile, mas a de um momento específico, em que a ausência de investimento abriu espaço para a presença popular. É possível recuperar aquela sonoridade sem recuperar também aquele abandono? E será mesmo acaso que cada mudança de repertório sonoro, nesta rua, coincidiu com uma mudança de quem tinha poder de ocupá-la e de fazer-se ouvir nela? Que parte dos entrevistados veja nessa mudança um ganho de segurança não enfraquece a pergunta, apenas mostra que perda e ganho dependem de quem ocupa a rua para responder.

Conclui-se, portanto, que a paisagem sonora da Rua Chile não é uma identidade fixa, mas o resultado das transformações urbanas e de quem ocupa a rua em cada período. A requalificação em curso produz uma nova configuração acústica e social, sem trazer de volta os sons que a memória associa ao lugar. Por isso, a acústica deveria integrar o planejamento desses processos não apenas como controle de níveis de ruído, mas como parte da memória coletiva e da identidade cultural das áreas históricas. A pesquisa tem limitações: as medições se restringiram a dois dias e a campanhas curtas, e as entrevistas reúnem sobretudo trabalhadores de longa data, sem incluir hóspedes, novos moradores ou visitantes. Ampliar esse recorte e acompanhar a rua após a conclusão das obras do Palácio Rio Branco são caminhos para estudos futuros.

Fica, então, uma última pergunta. Se esta rua já "trocou de som" pelo menos três vezes em quase cinco séculos, e se cada troca respondeu a quem estava autorizado a ocupar o espaço público naquele momento, o que impede que ela troque de novo daqui a algumas décadas? Quando o Palácio Rio Branco já for hotel de luxo há muitos anos e uma nova geração de trabalhadores tiver sua própria memória sonora da via, que som vão dizer que existia antes? E será que, àquela altura, ainda vai haver alguém na calçada, com vínculo de décadas como os entrevistados desta pesquisa, para responder essa pergunta em campo, ou a pergunta "que som representa a Rua Chile" só vai poder ser respondida por quem estiver dentro dos hotéis?

Referências

1. SCHAFER, R. M. **A afinação do mundo**. Tradução: Marisa Trench de Oliveira Fonterrada. São Paulo: Editora UNESP, 2001 [1977].

2. OLIVEIRA, N. F. de. **Rua Chile**: caminho de sociabilidades, lugar de desejos, expressão de conflitos: 1900-1940. 2008. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

3. INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION. **ISO 12913-1**: acoustics: soundscape: part 1: definition and conceptual framework. Geneva: ISO, 2014.

4. THIBAUD, J.-P. The sensory fabric of urban ambiances. **The Senses and Society**, v. 6, n. 2, p. 203-215, 2011. DOI: 10.2752/174589311X12961584845846. Disponível em: https://doi.org/10.2752/174589311X12961584845846. Acesso em: 8 jul. 2026.

5. GONÇALVES, A. M. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

6. AMADO, J. **Bahia de Todos os Santos**: guia das ruas e dos mistérios da cidade do Salvador. 12. ed. São Paulo: Martins, 1966 [1945].

7. VELOSO, C. **Verdade tropical**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

8. **DEUS e o diabo**. Intérprete: Caetano Veloso. Compositor: Caetano Veloso. In: MUITOS carnavais. Intérprete: Caetano Veloso. Rio de Janeiro: Philips, 1977. 1 disco vinil, faixa 4.

9. **NOT DEAD**. Direção: Isaac Donato. Produção: MAA Filmes. Salvador: MAA Filmes, 2024. 1 filme. 71 min, son., color. Documentário exibido na 27ª Mostra de Cinema de Tiradentes (Mostra Aurora).

10. PINHEIRO, E. P.; COSTA, I. N. S. B. **As novas formas urbanas de Salvador: região do Iguatemi e Av. Paralela, 1970-2010.** In: ENCONTRO NACIONAL DA ANPUR, 14., 2011, Rio de Janeiro. Anais [...]. Rio de Janeiro: ANPUR, 2011. Disponível em: http://anpur.org.br/site/anais/ena14/ARQUIVOS/GT5-1132-757-20110106192847.pdf. Acesso em: 29 junho. 2026.

11. PREFEITURA MUNICIPAL DE SALVADOR. **Espaço Itaú de Cinema Salvador Glauber Rocha**. Salvador: Pelourinho Dia e Noite, [20--]. Disponível em: https://pelourinhodiaenoite.salvador.ba.gov.br/espaco-itau-de-cinema-salvador-glauber-rocha/. Acesso em: Acesso em: 29 jun. 2026.

12. CRUZ, G.; LAHIRI, V. **Viagem no tempo: Fera Palace é um pedaço da Salvador dos anos 1930.** Correio, Salvador, 7 jul. 2023. Estúdio Correio. Disponível em: https://www.correio24horas.com.br/estudio-correio/viagem-no-tempo-fera-palace-e-um-pedaco-da-salvador-dos-anos-1930-0723. Acesso em: 29 jun. 2026.

13. **FASANO aterrissa em Salvador e abre as portas de sua primeira unidade no Nordeste.** CNN Brasil Viagem & Gastronomia, São Paulo, 21 jan. 2019. Atualizado em: 29 mar. 2021. Disponível em: https://www.cnnbrasil.com.br/viagemegastronomia/viagem/fasano-aterrisa-em-salvador-e-abre-as-portas-de-sua-primeira-unidade-no-nordeste/. Acesso em: 29 jun. 2026.

14. **PRIMEIRO residencial de luxo da Rua Chile inicia vendas com unidades a partir de R$ 2,8 milhões**. Alô Alô Bahia, Salvador, 29 nov. 2025. Disponível em: https://aloalobahia.com/noticias/2025/11/29/primeiro-residencial-de-luxo-da-rua-chile-inicia-vendas-com-unidades-a-partir-de-r-28-milhoes/. Acesso em: 20 jul. 2026.

15. **APÓS mostra de decoração, Tira-Chapéu passa a funcionar como destino cultural e centro gastronômico.** Alô Alô Bahia, Salvador, 29 out. 2024. Disponível em: https://aloalobahia.com/noticias/2024/10/29/apos-mostra-de-decoracao-tira-chapeu-passa-a-funcionar-como-destino-cultural-e-centro-gastronomico/. Acesso em: 30 jun. 2026.

16. **PALÁCIO Rio Branco terá restauro de R$ 250 milhões, visitação pública e hotel de alto padrão em Salvador**. Jornal Grande Bahia, Salvador, 14 jun. 2026. Disponível em: https://jornalgrandebahia.com.br/2026/06/palacio-rio-branco-tera-restauro-de-r-250-milhoes-visitacao-publica-e-hotel-de-alto-padrao-em-salvador/. Acesso em: 20 jul. 2026.

17. INTERNATIONAL ELECTROTECHNICAL COMMISSION. **IEC 61672-1**: electroacoustics: sound level meters: part 1: specifications. Geneva: IEC, 2013.

18. AMERICAN NATIONAL STANDARDS INSTITUTE. **ANSI S1.4-1983 (R2006)**: specification for sound level meters. New York: Acoustical Society of America, 1983.

19. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10151**: acústica: medição e avaliação de níveis de pressão sonora em áreas habitadas: aplicação de uso geral. Rio de Janeiro: ABNT, 2019.

20. BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. DOI: 10.1191/1478088706qp063oa. Disponível em: https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa. Acesso em: 20 jul. 2026.

21. SALVADOR (Município). **Lei nº 9.148, de 21 de dezembro de 2016**. Dispõe sobre o ordenamento do uso e da ocupação do solo no Município do Salvador (LOUOS). Salvador: Diário Oficial do Município, 2016. Disponível em: https://sedur.salvador.ba.gov.br/images/arquivos_processos/2016/09/novalouossancionada.pdf. Acesso em: 20 jul. 2026.

22. KANG, J. **Urban sound environment**. London: Taylor & Francis, 2007.

Apêndices

APÊNDICE A – FICHA DE OBSERVAÇÃO SONORA (SOUNDWALK)

CONDIÇÕES AMBIENTAIS			
Céu	☐ Ensolarado ☐ Parcialmente nublado ☐ Nublado	Vento	☐ Fraco ☐ Moderado ☐ Forte
CARACTERIZAÇÃO DO LOCAL			
Uso predominante	☐ Hotel ☐ Restaurante ☐ Café ☐ Comércio ☐ Serviço ☐ Institucional ☐ Misto		
Público predominante	☐ Moradores ☐ Trabalhadores ☐ Turistas ☐ Visitantes	Permanência	☐ Alta ☐ Média ☐ Baixa
Fluxo de pedestres	☐ Alto ☐ Médio ☐ Baixo	Fluxo de veículos	☐ Alto ☐ Médio ☐ Baixo
Há evento acontecendo?	☐ Sim ☐ Não	Manifestação?	☐ Sim ☐ Não
Obras?	☐ Sim ☐ Não	Trânsito excepcional?	☐ Sim ☐ Não

FONTES SONORAS OBSERVADAS: SONS HUMANOS					
☐ Conversas	☐ Crianças	☐ Vendedores ambulantes	☐ Músicos	☐ Animais	
☐ Risadas	☐ Manifestações culturais	☐ Artistas de rua	☐ Percussão	☐ Sons religiosos	
SONS MECANIZADOS					
☐ Automóveis	☐ Motocicletas	☐ Caminhões	☐ Sirenes	☐ Geradores	
☐ Ônibus	☐ Ar-condicionado	☐ Carga/descarga	☐ Máquinas	☐ Buzinas	
SONS COMERCIAIS					
☐ Música ambiente		☐ Alto-falantes	☐ Restaurantes	☐ Eventos	
☐ Publicidade sonora		☐ Bares	☐ Cafeterias		

SONS INTERIORIZADOS						
☐ Hotel	☐ Restaurante	☐ Loja	☐ Escritório	☐ Equipamentos internos	☐ Conversas internas	☐ Climatização

CARACTERIZAÇÃO DA FONTE PREDOMINANTE			
Presença	☐ Ausente ☐ Ocasional ☐ Frequente ☐ Predominante	Distância	☐ Muito próxima ☐ Próxima ☐ Média ☐ Distante
Persistência	☐ Contínua ☐ Intermitente ☐Pontual	Intensidade percebida	☐ Muito baixa ☐Baixa ☐Média ☐Alta ☐Muito alta
Dominância	☐ Domina ☐ Divide protagonismo ☐ Plano de fundo		

QUALIDADE PERCEBIDA					
Agradável	1○ 2○ 3○ 4○ 5○	Vibrante	1○ 2○ 3○ 4○ 5○	Monótono	1○ 2○ 3○ 4○ 5○
Incômodo	1○ 2○ 3○ 4○ 5○	Calmo	1○ 2○ 3○ 4○ 5○	Sem acontecimentos	1○ 2○ 3○ 4○ 5○
Agitado	1○ 2○ 3○ 4○ 5○	Caótico	1○ 2○ 3○ 4○ 5○		

RELAÇÃO COM O LUGAR			
O som reforça a identidade da Rua Chile?	☐ Sim ☐ Parcialmente ☐ Não	Poderia existir em qualquer lugar?	☐ Sim ☐ Não
O ambiente favorece permanência?	☐ Sim ☐ Parcialmente ☐ Não	Predomina a rua ou os interiores?	☐ Rua ☐ Interior ☐ Equilíbrio

EXPERIÊNCIA ESPACIAL	
O ambiente favorece	☐ Caminhar ☐ Permanecer ☐ Conversar ☐ Contemplar ☐ Consumir ☐ Apenas atravessar
O usuário parece	☐ Relaxado ☐ Atento ☐ Apressado ☐ Incomodado ☐ Indiferente
MORFOLOGIA OBSERVADA	
☐ Fachadas ativas ☐ Fachadas fechadas ☐ Mesas externas ☐ Calçadas ocupadas ☐ Espaço para permanência ☐ Mobiliário urbano ☐ Arborização	
OBSERVAÇÕES LIVRES	

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

MEMÓRIA Há quanto tempo frequenta a Rua Chile? O que você lembra de ouvir aqui antigamente? Existe algum som que desapareceu? Que som gostaria que voltasse?	PAISAGEM SONORA ATUAL Qual o primeiro som que você percebeu ao chegar? Quais sons mais chamam atenção? Há sons agradáveis? Há sons incômodos? Quais? Qual o primeiro som que lembra da Rua Chile?
IDENTIDADE Existe um som que representa a Rua Chile? O ambiente sonoro lembra o Centro Histórico? Que tipo de lugar esses sons fazem você imaginar? Se fechasse os olhos, como descreveria este lugar apenas pelos sons?	TRANSFORMAÇÃO O que mudou na paisagem sonora? Os novos empreendimentos influenciaram os sons? O turismo alterou a ambiência? Se pudesse retirar um som, qual seria?
EXPERIÊNCIA URBANA Você gosta de permanecer aqui? Por quê? Qual o horário mais agradável? E qual o horário mais incômodo? A rua convida a permanecer ou apenas a passar?	Perfil: Dados: Idade (opcional); Tempo de vínculo com a Rua Chile